



## AUTORRETRATO OU (DES)CONFIGURAÇÕES DE SI

Rosa Maria Blanca<sup>1</sup>

### Resumo

A presente pesquisa<sup>2</sup> discute a noção de autorretrato em arte como uma forma de (des)configuração de si. Propõe-se o binômio abdição/contemporização, como uma maneira de (des)apropriação da imagem de si, discutindo o estatuto do autorretrato fotográfico como processo de construção autobiográfica. Sugere-se que o(s) autorretrato(s) que discutem processos de subjetivação coloca(m) em tensão a dimensão pessoal e coletiva, privada e pública, individual e social. Analisam-se dois autorretratos que fazem parte da série *Queering* (2011), de Rosa Blanca, em diálogo com outras obras de artistas *dandy* do período de entre-guerras, como Romaine Brooks e Claude Cahun. Conceitualmente, propõe-se uma poética inter e transdisciplinar, recorrendo-se à história da arte e os estudos *queer* e de gênero. A investigação é uma produção do Laboratório de Arte e Subjetividades (LASUB) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

everá ter no mínimo 600 e no máximo 800 caracteres com espaço. Texto justificado, espaçamento simples.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea. Autorretrato. Subjetividades

### Introdução


Nos primeiros autorretratos fotográficos, os artistas – ou fotógrafos –, como Gaspard-Félix Tournachon “Nadar” pretendiam visualizar uma representação de si, de acordo com as características de sua personalidade (SOARES, 2014). Dentro das poéticas, de modo geral, o autorretrato é praticado como uma forma de espelhar-se, em um percurso artístico específico (CANTON, 2001). Nos primeiros autorretratos fotográficos, os artistas – ou fotógrafos –, como Gaspard-Félix Tournachon “Nadar” pretendiam visualizar uma representação de si, de acordo com as características de sua personalidade (SOARES, 2014). Dentro das poéticas, de modo geral, o autorretrato é praticado como uma forma de espelhar-se, em um percurso artístico específico (CANTON, 2001).

Atualmente, existem diversas poéticas onde o(a) artista problematiza (des)construções de si, atravessando processos de subjetivação. Destaca-se o trabalho de Nardo Germano

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Humanas (UFSC), Mestre em Artes Visuais (UFRGS), Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART/UFSM). rosablanca.art@gmail.com

<sup>2</sup> A presente pesquisa foi apresentada no 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.





(2007). O artista utiliza a categoria de *subjetividade histórica formante* para referir-se ao autorretrato como uma imagem subjetiva que, no entanto, encontra-se inserida em um contexto histórico e social (2007).

A história da arte também registra poéticas de (re)invenção de si, como a realização de Nan Goldin. No seu trabalho *Balada da dependência sexual* (1981-1996), a artista justapõe e intercepta distintas narrativas fotográficas pessoais e sociais em uma estética *snapshot*. Goldin usa a câmera fotográfica como mão, como uma forma de realizar contatos com seus interlocutores (MYRRAH, 2009). A fotógrafa dialoga tecnoafetivamente com uma minoria que estava sendo condenada, muito além do esquecimento, no contexto da AIDS.

São essas tensões entre a pretensão individual e o analiticamente cultural que são discutidos através da minha poética, transdisciplinar. No entanto, para a presente comunicação estou decidindo trabalhar especificamente com o autorretrato em uma dimensão de autoficção, apontando alguns conceitos de seu caráter irresoluto dentro de um regime dicotômico de gênero masculino / feminino.

No meu trabalho, uso a performance fotográfica como recurso da linguagem artística. Acredito que a performance sugere enunciações visuais – performativas –, que possuem a possibilidade de serem traduzidas para uma provável *(des)configuração de si*. A sua incidência política pode levar a sua reconsideração conceitual e estética. Algumas teorias antecedem determinadas práticas (CAUQUELIN, 2005). Penso que é nesse aspecto que reside a importância de uma poética.

Há uma tensão na presente escrita. Há uma condição de possibilidade artística que sobrepõe-se a um conflito social. Os limites entre o espaço artístico e o espaço social perturbam um ao outro. Estou referindo-me a um dos retratos que fazem parte da série *Queering* (2011), intitulado *Não sou #04* (2011). Nessa fotografia, mediante o autorretrato performativo (re)produzo a ação de *masculinização*. Apareço finalizando o nó de uma gravata preta, vestindo uma camisa branca. O meu corte de cabelo transita entre um visual masculino e um visual feminino, como pode ser visto na Fig. 01:





Rosa Blanca  
*Não sou #04* (2011)  
Fotografia  
Dimensões variáveis  
Col. Particular

Os primeiros usos da gravata surgem na França. A palavra “gravata” provém do italiano *corvatta* ou *cravatta*, que se deriva de “croata”. Os membros do exército croata presente na França, no século XVII, usavam a modo de gravata um tipo de lenço colorido atado ao pescoço. Os croatas idealizaram um estilo de “rosinha” na apresentação final. Será durante a Revolução Francesa quando a gravata adquirirá um status de cunho político, precisamente com a “gravata preta” que é a cor usada no autorretrato (Fig. 01). Anos mais tarde, o uso da *lavallière* se constituirá como um símbolo dos artistas. O estilo de fazer a gravata culmina com o estilo *Windsor*, que consiste exatamente no nó triangular e simétrico, que passará a usar Enrique VIII logo após sua abdicação, em 1533.

É assim como na presente poética, sugere-se o conceito de *abdicação/contemporização*, como um gesto de desistência e reinstalação de uma visualidade que abraça tanto a estética masculina quanto a estética feminina. O meu trabalho propõe uma abertura temporal do gesto, devido ao uso da linguagem fotográfica, permitindo uma reflexão sobre o estatuto da retratística. Essa ação da *abdicação/contemporização* como deposição e reposição na fotografia em questão é um momento estendido no nó inacabado. Não há uma constatação. Porque é uma exigência que o ato de fazer o nó de uma gravata nunca seja interrompido. É um gesto que deve ir até o fim. Na fotografia (Fig. 01), o gesto encontra uma abertura, uma temporalidade que se amplia dilatando a sua exposição.

Simultaneamente, na sua espacialidade prestes a finalizar-se, o autorretrato (Fig. 01) mostra a intimidade. Há uma atitude de *voyeur* a propósito de si mesma. Uma autorrevelação de si, que se torna pública no ato da exposição.



## A gravata e a (des)codificação do gênero


Nos da história da arte, há um questionamento que (co)move o *regime epistemológico visual* binário. Entende-se o *regime epistemológico visual* como um conceito operativo para entender a linguagem visual do gênero binário (BLANCA, 2011). Esse *regime epistemológico visual* é questionado naquelas práticas artísticas, cuja finalidade é a desconstituição visual do gênero dicotômico masculino/feminino. A configuração estética identitária é constitutiva do pensamento ocidental. Esse regime é acionado a partir de interpelações da mídia e da própria arte e também, pelas próprias instituições educativas, familiares e religiosas. De tal forma que naturalizamos a visualidade do gênero (2011).

Porém, a história da arte registra obras onde visualmente existe uma (des)configuração identitária. O contexto de entre-guerras favorece a expansão do dandysmo, como práticas contra-gênero aplicadas em específico em mulheres, melhor conhecidas como artistas dandy. As artistas dandy não somente fizeram uma ruptura com a noção dicotômica de gênero masculino/feminino, mas também fizeram da sua própria vida uma obra de arte: *eu-come-arte* (Durán, 2009). Trata-se de um processo de subjetivação autônomo contra a normatização burguesa da época. Essa visualidade dissidente é possível visualizar na obra de Romaine Brooks, que possui um retrato de mulher com gravata intitulado *Peter, a young english girl – Gluck* (1923-1924), na Fig. 02:



Fig. 02. Romaine Brooks  
*Peter, a young english girl – Gluck* (Peter, uma jovem inglesa – Gluck) (1923-1924)  
Óleo/tela  
91.9 x 62.3 cm  
Smithsonian American Art Museum

Todavia, o trabalho que pode chegar a se constituir como uma referência para minha poética pertence a Claude Cahun, feito em 1929, dentro desse período de entre-guerras. Não



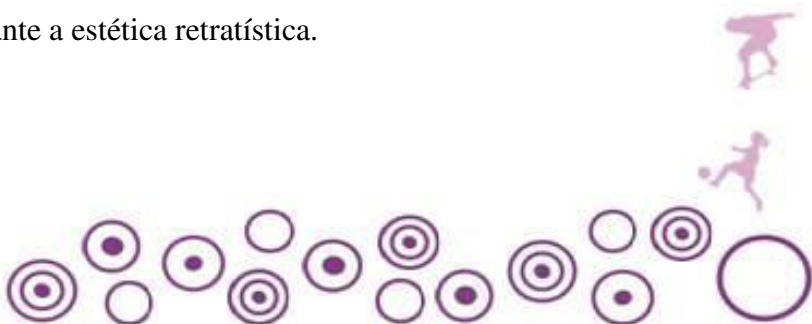
somente porque dá forma à ambiguidade de gênero, mas também porque se trata de um autorretrato, que é o objeto da presente pesquisa. Na sua obra, a artista francesa mostra-se nesse gesto aberto de (re)inventar-se. Esses processos de subjetivação encontram um espaço favorável no período de entre-guerras. Nos Estados Unidos, o movimento *Renaissance Harlem*, em 1920's, constitui uma dinâmica cultural que envolve trânsitos de gênero, principalmente por parte de mulheres. Na fotografia, aparece à direita a imagem de Cahun refletida na superfície de um espelho, como pode ser vista na Fig. 03. Cahun pertence ao conjunto de artistas desclassadas que fogem dos papéis burgueses do espaço privado a saber, o papel de esposa, mãe ou solteirona (2009).




Fig. 03. Claude Cahun  
Autorretrato (1929)  
Fotografia  
24 x 19 cm  
Musée des Beaux-Arts de Nantes

Na cena da arte contemporânea é importante o trabalho de Cabello e Carceller, em específico a fotografia *Exercícios de poder #5* (2005). As artistas (re)criam o ambiente de poder em espaços laborais, onde o comportamento masculino deve seguir cânones específicos para legitimar o gênero. Na minha obra não estou (re)produzindo a estética masculina com o objetivo de representar a ideia de gênero como performance (Butler, 1990), como Cabello e Carceller. Um dos objetivos da poética é produzir dissidência ao mesmo momento em que são (re)constituídos significantes de si, mediante a estética retratística.

### **Autorretrato ou autoficção?**





A noção de *selfie*, na contemporaneidade, faz parte desse desejo atual de compartilhar distintas ideias do eu. A infinidade de autorretratos que circulam nas redes sociais propõem identificações imersas na virtualidade espacial das imagens eletrônicas.

O universo da arte é o domínio do “se...” (Cauquelin, 2011, 125). Uma obra cuja abordagem permite a interpretação de mundos possíveis permite aos espectadores várias interpretações (2011). A noção de autorretrato como está sendo proposta, deseja evocar variações possíveis de si.

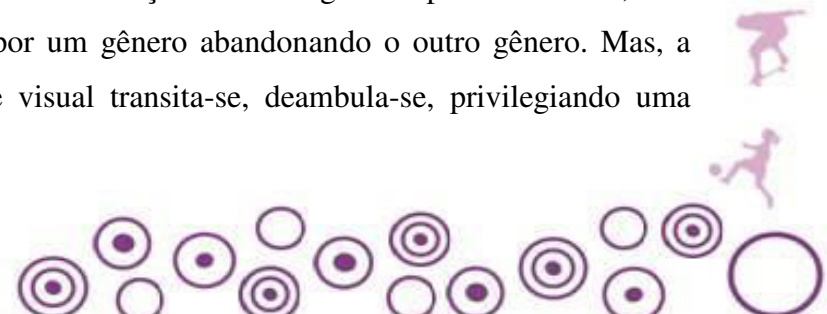
É precisamente, para a exposição coletiva de *Selfie*, organizada por Marcelo Chardosim e selecionada no Edital para Ocupação da Galeria dos Arcos (2015), em Porto Alegre, que decido mostrar-me através de um autorretrato de corpo completo.


Nesse segundo autorretrato, apareço em um banheiro ocupando um vaso sanitário. Visto uma jeans e uma camisa social branca. Estou em pé, levemente inclinada e apoiada com um braço esquerdo na parede. A mão direita localiza-se dentro da minha calça aberta, na altura do púbis. Aparentemente, a cena convida ao espectador a um ato de voyeurismo. No entanto, o olhar de mim, como modelo, direcionado ao espectador, rompe com o prazer de observar sem ser visto, uma condição irrevocavelmente *voyeur*.

A ideia de me autorretratar em um banheiro é um desejo irreconciliável de si e de mim. Há um deslocamento da minha pessoa em um duplo ato. No primeiro, realizo uma ação primitiva excessiva e paradoxalmente decodificada, borrando a infranqueável fronteira entre o selvagem e o civilizado de si. No segundo, almejo estetizar uma prática oculta. Publicamente na clandestinidade depuro meus órgãos, a saber, meus rins, em um rito silencioso de mim. Agora, em companhia de múltiplos olhares, de si e logo de mim, repentinamente somos nós acusando nosso delito de ser e não ser, nem o um nem o outro, apenas aquele que a linguagem impudica das artes nos ensinou a (auto)retratar.

## Conclusões

É importante indicar que a escolha dos conceitos é pontual dentro de um processo de subjetivação. A *abdicação*, no autorretrato, está nos indicando à dissidência, a renúncia voluntária de um código. Mas, ao direcionar a *contemporização* rumo a uma reposição, foca-se a ação em um âmbito de significação determinado. Opta-se por uma afeição, nessa (re)constituição. Ou seja, não há uma substituição de um gênero pelo outro ou, um deslocamento de gênero. Não é optar por um gênero abandonando o outro gênero. Mas, a partir de uma (in)disposição estética e visual transita-se, deambula-se, privilegiando uma





curadoria de reconstituição no retrato após a teorização visual de gênero, resultando em uma temporalidade em suspensão. O nó está em devir. O gênero nunca se define.

Nesse quase terminar o nó, a imagem fica (in)conclusa. Há um pré-aparecer, um *ainda-não-ser*. Entre o vestir-se e despir-se, as opções nunca terminam. A preocupação em torno ao código descansa na superfície do espelho. Está sendo compartilhada. Isso é ao único que pode-se aspirar em arte. A agonia desse compartilhar com o(a) outro(a) nos remete a uma criatividade muito próxima da subjetividade (Cauquelin, 2011). Mas, é uma criatividade que torna-se (re)inventividade. A tranquilidade de poder (re)começar. Talvez, isso seja uma teoria artística, sobre liberdade.

## Referências

BLANCA, Rosa Maria. *Arte a partir de uma perspectiva queer / Arte desde lo queer*. 2011. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*. New York / London: Routledge, 1990.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *No ângulo dos mundos possíveis*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DURÁN, Gloria. *Dandysmo y contragênero: La artista dandy de entreguerras: Baronesa Elsa Von Freytag-Loringhoven, Djuna Barnes, Florine Sttheimer e Romaine Brooks*. 2009. Tese (Facultad de Bellas Artes). 731 f. Universitat Politècnica de València. Valencia, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GERMANO, Nardo (Arnaldo Valente Germano da Silva). *Auto-retrato coletivo: Poéticas de abertura ao espectador na (des)construção de uma identidade coletiva*. Dissertação (Escola de Comunicação e Artes). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MYRRHA, Laís. “Do ouro de Gold(in) e outros tesouros”. In: VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Diálogos entre linguagens: artes plásticas, cinema, artes cênicas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes, 2009.

SOARES, Luciano de Sampaio. “Do autorretrato ao selfie: um breve histórico da fotografia de si mesmo”. *Tuiuti: Ciência e Cultura*. Nº 48, p. 179-193, 2014. Disponível em: [http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo\\_4/tcc\\_48\\_hist\\_da\\_ccao/pdf\\_48/art\\_12.pdf](http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_48_hist_da_ccao/pdf_48/art_12.pdf)





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

